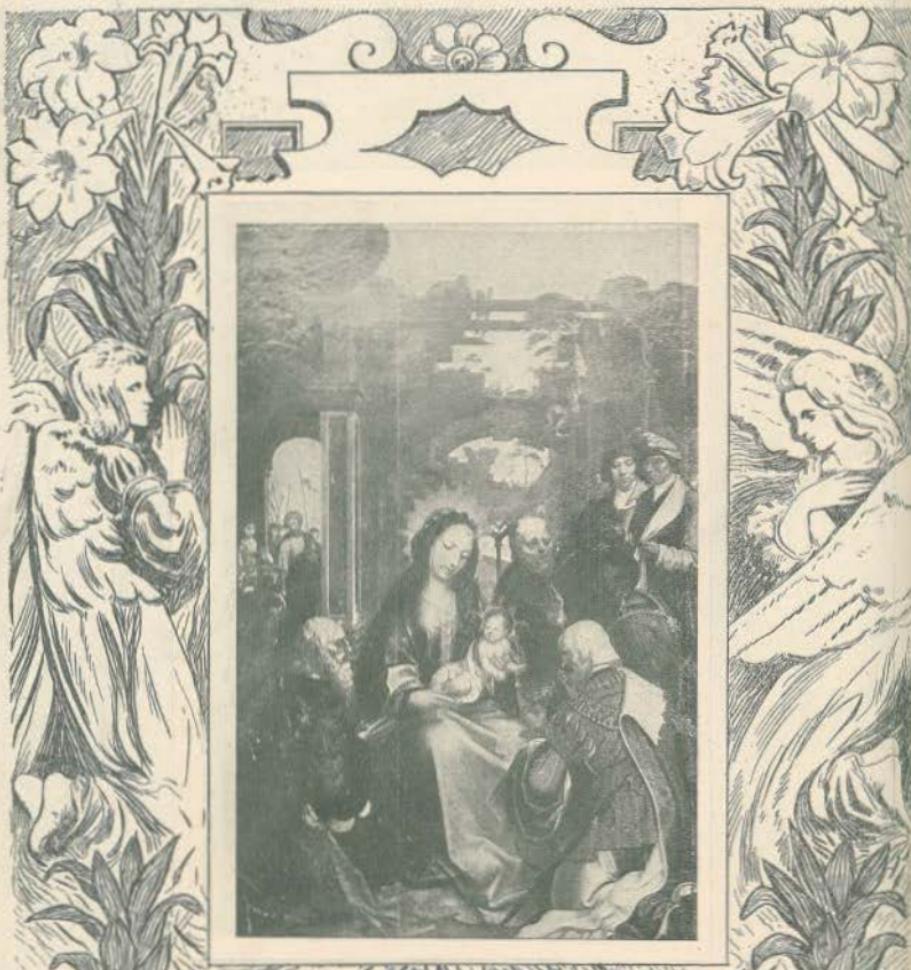
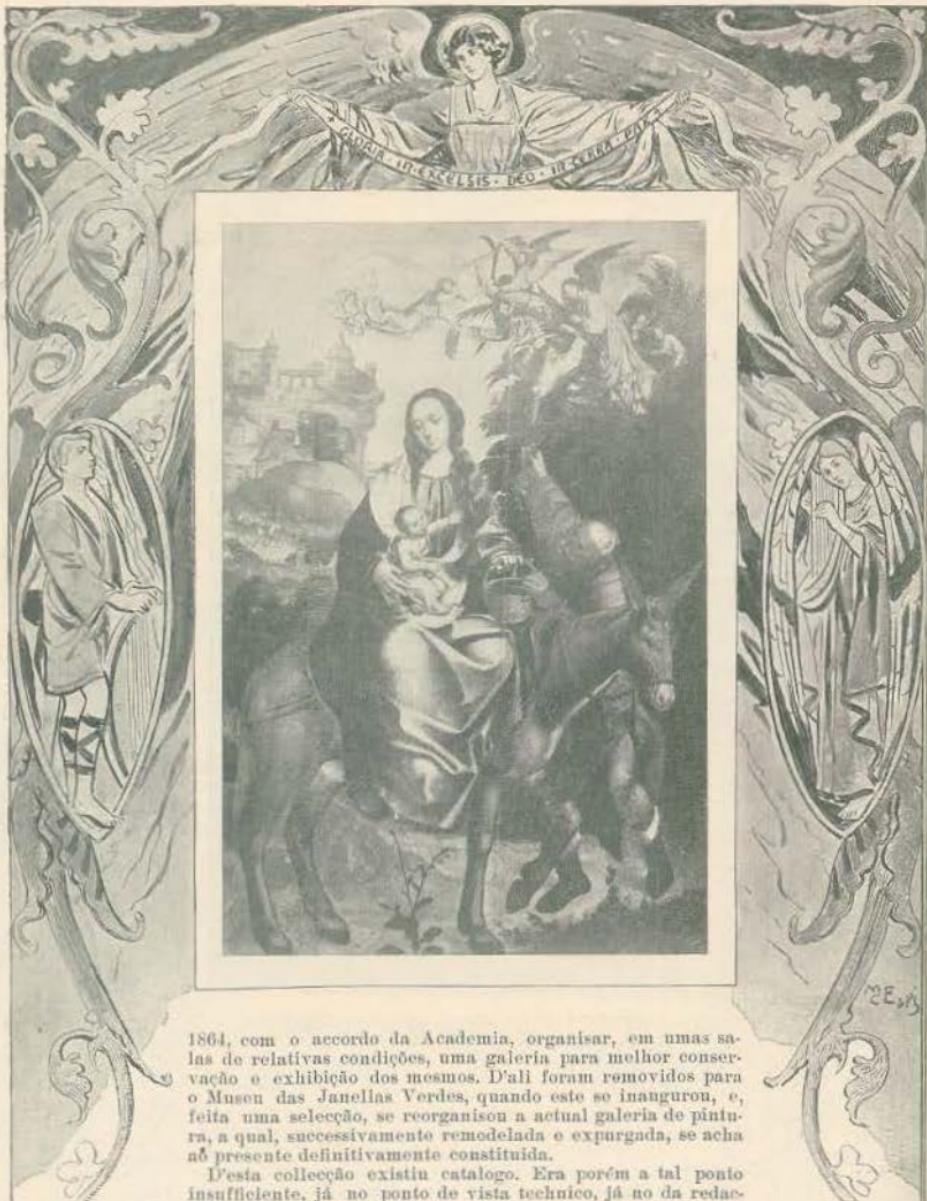
ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

2.ª SERIE N.º 4 19 MARÇO 1906

S. José no museu das Janelas Verdes

Na vasta collecção de paineis de assumpto religioso, que constitue uma das maiores preciosidades artisticas do nosso Museu Nacional, destaca singularmente, entre os quadros de escola flamenga, a serie chamada do convento do Paraizo.

Como sobre quasi todas as pinturas de egual epoca e escola, paira sobre os quadros do convento do Paraizo uma densa e obscura nevoa, que, debalde, investigadores como Raczensky, teem procurado dissipar. A abundancia de quadros de factura flamenga em Portugal, entre os seculos XV e XVII, tem deixado perplexos os criticos de arte. Sabe-se que eram a esse tempo estreitas as relações de Portugal com a Flandres. Antes da Renascença latina, que deu a supremacia artistica á Italia, a Flandres tinha a realeza

do commercio e das artes. Da Flandres recebiamos mantimentos e adornos, tapeçarias e pinturas, faianças e armas. A Flandres iam estudar os artistas portuguezes, como *Eduart le Portugalais*. De lá vinham pintar a Portugal os artistas flamengos, como Jehan Van Eyck.

E' n'essa intima cooperação artistica que se perdem, como n'um labyrintho, as presumpções optimistas da existencia de Grão Vasco e a hypothese verosimil de uma escola florescente de pintura portugueza, que a ter existido mereceria entrar em logar de honra no computo geral das artes, dentro dos preludios do Renascimento latino.

Mas serão flamengos os quadros até hoje attribuidos a esse lendario Grão Vasco, suprema encarnação do genio n'essa indecisa e nebulosa dynastia de pintores portuguezes dos seculos XV e XVI? Ou pelo contrario, será possivel authenticar-lhes a origem portugueza e estabelecer em bases seguras a existencia autonoma de uma escola de pintura, embora influenciada pelo ensino e

pela obra dos mestres da Flandres? Eis o que até hoje ainda não foi possivel averiguar com segurança.

O sr. Ramalho Ortigão, depois de investigações e estudos laboriosos sobre a obra dos flamengos, parece ter chegado a conclusões imprevistes, cujo alcance não nos é permittido por ora avaliar. Diz-se mesmo que El-Rei, vivamente interessado, como um grande artista que é, pelo captivante problema, promoverá em breve a publicação de uma obra compendiando as reproducções das mais importantes pinturas dos *primitivos*, existentes no paiz, e para a qual o illustre bibliothecario da Ajuda está coordenando o texto, dentro de um plano já systematisado.

Os quadros que hoje, pela primeira vez em Portugal, a «Illustração Portugueza» reproduz, e que constituem innegavelmente um dos mais valiosos elementos para o estudo da influencia flamenga na pintura portugueza do seculo XVI, foram recolhidos do extincto convento do Paraizo (Lisboa), ha mais de 70 annos, tumultuariamente, e por muito tempo jazeram em arrecadação insufficiente na Academia de Bellas Artes, até que o marquez de Sousa Holstein determinou, em

1864, com o accordo da Academia, organisar, em umas salas de relativas condições, uma galeria para melhor conservação e exhibição dos mesmos. D'ali foram removidos para o Museu das Janellas Verdes, quando este se inaugurou, e, feita uma selecção, se reorganisou a actual galeria de pintura, a qual, successivamente remodelada e expurgada, se acha aô presente definitivamente constituida.

D'esta collecção existiu catalogo. Era porém a tal ponto insufficiente, já no ponto de vista technico, já no da redacção, que foi resolvido submettel-o a uma remodelação completa. Este delicado trabalho, confiado a Manuel de Macedo, conservador do Museu Nacional, pintor de notaveis aptidões, investigador dos mais competentes e honestos, critico de arte intelligentissimo, acha-se hoje concluido, estando a sua publicação apenas dependente da coordenação e confrontação de verbetes, tarefa que vae muito adiantada.

Ignoramos o que o catalogo dirá dos quadros do convento do Paraizo. Em nosso entender, são obra flamenga ou *néo-flamenga*—isto é, elaborada por um dos numerosos artistas subsidiados que em Flandres, estudavam nas officinas de mestres flamengos. E aventuramos esta hypothese, não porque a pintura pela sua elevada perfeição technica se avantaje ao que podemos presumir haver cabido nas forças dos pintores portuguezes contemporaneos, pois produziram trabalho não desmerecendo d'este, mas porque a architectura, a paizagem e outras circumstancias testificam a nacionalidade do pintor.

MONTEMÓR-O-VELHO

A villa de Montemór-o-Velho, pela sua situação privilegiada, pelas recordações historicas que evocam os seus derrocados monumentos, e pela importancia commercial das suas feiras, é indubitavelmente uma das mais curiosas e interessantes dos arredores de Coimbra.

Construida parte em amphitheatro sobre a encosta norte d'uma elevação coroada pelas ruinas d'um medievo castello, parte na planicie junto ao Mondego, que nas cheias do inverno lhe inunda as ruas principaes, o seu aspecto, visto de longe emmoldurada pela fragante verdura dos choupos e salgueiros, é d'um pittoresco deslumbrante.

De origem remota, talvez protohistorica, foi habitada pelos romanos, que, junto á capella da Senhora do Desterro, deixaram indeleveis vestigios da sua permanencia. Existem ali sobterradas as ruinas de varias edificações com ricos pavimentos de mosaico polychromo, e nos terrenos proximos é frequente apparecerem sepulturas e moedas dos tempos do Imperio. Mais vestigios d'esta epoca teem sido colligidos n'outros logares da villa e arredores, e d'esta proveniencia ainda ha bem pouco tempo deu entrada no Museu Archeologico do Instituto de Coimbra uma interessante inscripção sepulchral romana.

Occupada successivamente pelos visigodos e pelos arabes, aos quaes se póde attribuir com algum fundamento a origem das suas fortificações, foi povoação importante desde os começos da reconquista christã.

É n'essa epoca que a tradição erudita collocou as façanhas do abbade João, supposto tio de Ramiro I de Leão, talvez o mais antigo conquistador da villa, ahi pelo anno de 848.

A figura lendaria d'este tão celebre abbade foi ultimamente objecto d'uma excellente monographia, publicada, na Allemanha, pelo sabio professor da Universidade Central de Madrid o sr. D. Ramon Menéndez Pidal—*La Leyenda del Abad Don Juan de Montemayor*. Dresden 1903, 1 vol. in 4.°.

N'este trabalho conclue-se: que a lenda não é de origem portugueza, mas hespanhola; e, tambem, que nunca correu na tradição oral do povo, ou mesmo na litteratura popular, sendo inventada, como tantas outras, pela erudição humanista da Renascença. Taes conclusões, d'um alto valor para a historia de Montemór, es-

Um aspecto da feira

tão solidamente estabelecidas sobre dados d'uma erudição invulgar.

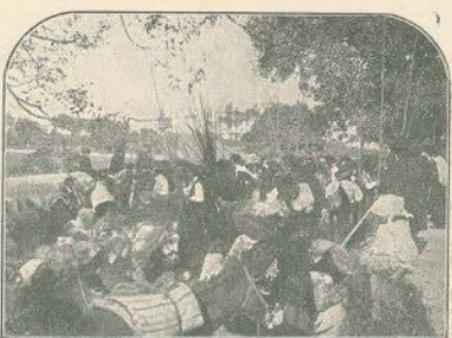
Parece-nos portanto de nenhum interesse para os leitores referir a lenda indubitavelmente de origem poetico-erudita, e do mesmo genero a que pertence o *Poema del Cid*, isto é, uma especie de novella de cavallaria, genero litterario muito em voga no seculo XVI.

Em 990, o grande Almansor, n'uma das suas correrias, toma a villa de Montemór, que só é reconquistada em 1034, por Gonçalo Trastamires, segundo reza a *Chronica dos Godos*. Não a possuiram, porém, por muito tempo os christãos; em breve se apoderaram d'ella os infieis, que a retiveram sujeita ao seu poder até á definitiva conquista feita por Fernando Magno, em 1064, na mesma occasião da tomada de Coimbra.

Em 1116, durante o governo de D. Thereza, n'uma impetuosa incursão, os sarracenos conseguem destruir os castellos de Miranda, Soure e Santa Eulalia junto de Montemór, que d'esta vez resiste com admiravel bravura.

N'uma passagem d'um geographo arabe do seculo XII ha referencias curiosas a esta villa.

E' ahi, escreve Edrisi, *que fica a embocadura do Mondik, rio ao pé do qual existe um castello muito forte chamado Monte Mayor, construido á beira do mar, e rodeado de terrenos ferteis*. E mais adeante, descrevendo o itinerario de Coimbra a Sant'Iago de Compostella: *Se quereis ir pelo mar parti do Castello de Monte Mayor...*

O geographo localisa erradamente a villa á beira do Oceano, o que se explica naturalmente porque no tempo em que escrevia, como succedeu até 1640 ou mesmo mais tarde, o Mondego era navegavel até Montemór por embarcações das que singravam no Atlantico, o que já hoje não acontece.

O castello de Montemór com o de Alemquer e a villa de Esgueira foram legados por D. Sancho I a suas filhas as infantas D. Thereza e D. Sancha. Mas, o ambicioso Affonso II procurou por todos os meios, quer pacificos quer violentos, invalidar o testamento paterno,

A porta do Sol, entrada principal do castello

e depois de alguns annos de lucta cheia de episodios, entre os quaes a morte de D. Martim Annes, partidario do rei, pelo esforçado Gonçalo Mendes de Sousa, do bando das Infantas, relatada n'um ingenuo passo do *Nobiliario do Conde D. Pedro*, que Alexandre Herculano classificou de *anecdota guerreira*, e que inspirou mais tarde a Eça de Queiroz algumas das mais bellas paginas do seu romance *A Illustre Casa de Ramires*, as Infantas foram desapossadas do que seu pae lhes legára, e, resignando-se com a expoliação, procuraram no claustro a paz que o mundo lhes negou, e lá se foram uma fundar o mosteiro de Cellas, junto a Coimbra, onde morreu, outra tomar veu em Lorvão, onde ambas jazem sepultadas, tendo sido canonisadas, em 1705, pelo papa Clemente XI.

Tambem o sr. dr. Theophilo Braga, no seu poema *Frei Gil de Santarem* ultimamente publicado, se inspirou na lucta entre Affonso II e suas irmãs, mostrando-nos *o santo*, perdido de amores por D. Thereza, *a esposa divorciada do rei de Leão*, batalhando em Montemór a favor da causa das Infantas, e assistindo á representação d'um *auto do Abbade João*, anachronismo evidente, porque n'esse tempo a lenda, se já existia em Hespanha, sua patria, não era naturalmente ainda conhecida em Portugal, ondè a mais antiga referencia só apparece no poema de Affonso Giraldes sobre a batalha do Salado.

Vista geral do castello

O primeiro foral de Montemór, dado em 1211, pélas Infantas D. Thereza e D. Branca, foi confirmado por seu irmão D. Affonso III a 12 de agosto de 1248, e reformado por D. Manuel em 2 de agosto de 1516.

Durante o reinado de D. Diniz, foi donataria da villa sua irmã D. Branca, a quem este monarcha, em junho de 1286, doou os padroados das suas egrejas. Posteriormente o mesmo D. Diniz, ao terminar em principios de maio de 1322 as contendas com seu filho D. Affonso, cedeu-lhe, além de outros, o senhorio de Montemór.

Ainda esta villa se liga um pouco com a tragedia da *misera e mesquinha* Ignez de Castro. No capitulo LXIV da *Chronica de El-Rey D. Affonso IV*, refere Ruy de Pina:

«*Estando El-Rey em Montemór-o-Velho concluindo*

Egreja de Santa Maria da Alcaçova no castello, em estylo manuelino
Por cima da porta estão as armas do bispo D. José d'Almeida

Outro aspecto da feira

já & consentido na morte da dita Dona Ines acompanhado de muyta gente armada & seveo a Coimbra onde ella estava nas cazas do Mosteyro de Santa Clara...»

Foi decerto em Montemór que os conselheiros do rei e os inimigos do Infante D. Pedro convenceram o feroz Affonso IV a ordenar o commettimento do monstruoso crime, que o genio de Camões perpetuou em immorredouras estancias.

Reinando D. João I, foi senhor da villa o Infante D. Pedro, duque de Coimbra, *o de Alfarrobeira*, segundo conta o sisudo cirterciense D. Fr. Francisco Brandão.

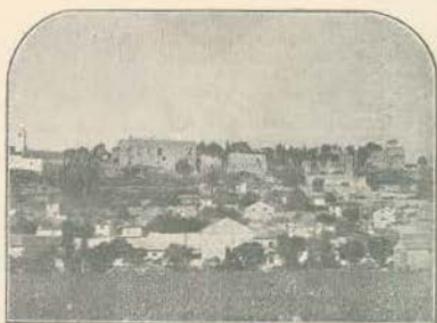
D. João II, tendo concedido ao seu bastardo D. Jorge de Alencastro os senhorios que tinham pertencido a seu tio o Infante D. Pedro, Montemór foi comprehendido n'essa concessão, que D. Manuel mais tarde ratificou por carta de 27 de maio de 1500, e foi depois confirmada nos Duques de Aveiro, dos quaes foi tronco o mesmo D. Jorge de Alencastro, por cartas de D. João III, de 1 de setembro de 1539, 2 de maio de 1556, e seguidamente por outros monarchas nas cartas de 22 de janeiro de 1594, 2 de junho de 1638, e finalmente, já no seculo XVIII, por D. João V, em 7 de agosto de 1733.

Eis em poucas linhas esboçada a historia de Montemór, durante o antigo regimen. Poucas villas a terão tão brilhante e tão cheia de episodios verdadeiramente dramaticos.

Passemos agora uma rapida vista pelos seus tão abandonados quanto valiosos monumentos, que ha muito estão pedindo uma monographia detalhada, escripta por pessoa competente.

Alguem, dos primeiros entre nós, n'estes assumptos, sabemos que já iniciou o seu estudo, cuja publicação ficamos esperando com o mais vivo interesse.

De todos os monumentos de Montemór, é o castello aquelle que, em maior evidencia pela sua situação sobranceira á villa, mais impressiona o visitante.

Da forte praça de guerra a que, como já tivemos occasião de dizer, andam

ligados tantos factos da nossa historia, restam apenas varias cortinas de muralhas envoltas de hera, flanqueadas aqui e ali de torres arruinadas, com suas ameias e setteiras.

Uma das portas do castello, a chamada *do Sol*, em estylo ogival, abre ao poente.

Um pouco antes de ahi chegar encontram-se á direita, subindo, as ruinas d'uma egreja de que apenas restam as paredes e um portico em estylo de adeantada Renascença.

Entrando por aquella porta, junto da qual se gosam sobre o campo, para os lados de Quinhendros e da estrada da Figueira, vistas admiraveis, deparamos com uma vasta esplanada, onde se abrem as boccas de duas cisternas, hoje entulhadas, e onde fica a egreja de Santa Maria da Alcaçova, um dos monumentos de que mais adeante falaremos, e a entrada do cemiterio municipal, que occupa a maior parte do planalto do castello. D'ahi, pelo lado da villa, segue um caminho que, por entre a capella de Santo Antonio, já fóra do castello, onde está o relogio official, e as ruinas dos paços reaes d'um lado e os muros do cemiterio do outro, vae até a outra porta de entrada que abre a nascente, fronteira á estrada que vem de Coimbra.

A egreja de Santo Antonio; fachada dos Paços reaes hoje demolidos; o castello do lado da villa sul; a Torre das Figueirinhas

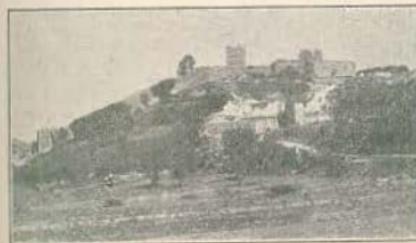
O castello, vista parcial

Dos paços reaes, cuja fachada sobranceira á villa, onde se rasgavam algumas janellas, uma das quaes de feição caracteristicamente manuelina, com vestigios de columna central e cantarias rendilhadas, ha pouco demolida por ameaçar com um desmoronamento as casas que ficam na encosta do monte, apenas restam alguns fragmentos informes de paredes carcomidas.

O panorama que sobre a villa, campo e rio se devia gosar d'aquellas janellas é em verdade surprehendente: em planos distantes, limitando os *saudosos campos do Mondego*, esbatem-se no horisonte elevadas collinas cujos tons verdes são maculados em muitos pontos pela alvura da casaria da Granja do Ulmeiro, de Alfarellos, de Verride e de Revelles; mais perto o rio, que, caudaloso no inverno, se reduz no verão a uma estreita fita de prata, corre em baixo em exquisitas curvas como que canalisado entre gigantescos choupos e rasteiros chorões.

Portico de uma egreja em ruinas junto ao castello

Paizagem semelhante, talvez um pouco mais montesina, se disfructa da *torre das Figueirinhas*, que hoje fica dentro do cemiterio e onde a camara municipal de Montemór mandou construir um miradouro.

Não abandonaremos o castello sem lançar os olhos pelo cercado opposto á villa, em que se entra por uma terceira porta, e onde estão as ruinas d'uma egreja invocada a S. João, e sem darmos algumas noticias da egreja de Santa Maria da Alcaçova, que já localisámos.

A egreja, um dos mais antigos e curiosos monumentos d'esta terra, está razoavelmente conservada, tem as paredes interiores forradas de bellos azulejos mudjares, tendo sido construida pelo presbytero Veremundo e pelo mesmo doada á Sé de Coimbra, sendo bispo D. Crescenio, aos 9 dias das Kalendas de janeiro da era de Cesar de 1133.

A doação, conservada no *Livro Preto da Sé de Coimbra*, é muito interessante, porque nos mostra o castello n'essa epoca abandonado, feito refugio de feras, como hoje está abandonado aos mortos.

Ha n'esta egreja uma interessante inscripção em gothico mainsculo, com abreviaturas e lettras conjunctas e inclusas, commemorativa da trasladação dos ossos de Martim Pelagio, de sua mulher Gontina, e de suas filhas Justa e Maria, aos 7 de setembro da era de 1337, anno de 1299.

Mais tarde o bispo conde D. Jorge de Almeida mandou fazer obras importantes n'esta egreja, como se vê dos trechos de architectura da Renascença, que lá se conservam, e pelas armas d'este prelado, que estão sobre a porta lateral, evidentemente d'esta epoca, e no cunhal do campanario, tambem obra sua.

Descendo a visitar a parte baixa da villa, sem parar na egreja matriz, onde junto ao baptisterio

está entaipada na parede uma sepultura blasonada que se suppõe ter uma estatua jacente, apenas falaremos, para não alongar esta já comprida noticia, do mosteiro de Nossa Senhora dos Anjos, situado na extremidade nascente da villa.

Este edificio é uma preciosa reliquia da architectura da Renascença, adulterada em muitos pontos por reformas posteriores. Nas paredes da egreja ha bellos quadros de azulejo do seculo XVII e XVIII, mas as suas principaes curiosidades são: a lapide sepulchral de D. Margarida de Mello Perestrello, na capella da Senhora da Piedade, que contém uma celebre sentença da Inquisição de Coimbra, de 1683, e o tumulo do fundador d'este mosteiro, Diogo d'Azambuja, o grande capitão da Mina, de Mogador e de Çafim, um dos filhos mais illustres de Montemór.

Este tumulo, um primor d'arte da Renascença, tem a figura jacente do guerreiro completamente armado, está escondido pelo throno do altar mór, do lado do Evangelho, e em situação tal que é impossivel photographal-o ou mesmo desenhal-o sem auxilio de luz artificial.

A biographia do heroe, aliás já magistralmente feita

O castello visto do sul

pelo fallecido escriptor Luciano Cordeiro, n'uma memoria que devia ser presente ao Congresso dos Orientalistas, está como que tracejada no epitaphio do seu tumulo.

Diogo d'Azambuja, descendente de familias illustres, nasceu em Montemór em 1432. Seu pae desempenhava então na villa, onde era proprietario bem como no couto de Tavarede, o modesto cargo de escudeiro, e ainda talvez qualquer officio na fazenda real.

Muito provavelmente servidor de D. Pedro, *o de Alfarrobeira*, que como já dissemos foi senhor da villa, Diogo d'Azambuja, acompanhou decerto o filho d'este no seu exilio de Borgonha, voltando á patria, onde foi figura preeminente nos reinados de D. Affonso V, D. João II e D. Manuel. Pertenceu ao conselho d'El Rei, foi cavalleiro professo da ordem d'Aviz, commendador de Cabeça de Vide e Alter Pedroso; nas guerras de Castella tomou aos castelhanos a villa de Alegrete, onde lhe quebraram uma perna; no ultramar fundou o castello de S. Jorge da Mina e tomou aos mouros a cidade de Çafim, vindo a morrer em Montemór com 86 annos a 15 de agosto de 1518.

Já que falamos n'um dos filhos illustres d'esta terra, que os teve muitos, para terminar, vamos-nos referir a Jorge de Montemór, fundador entre nós da novella pastoral, nascido n'esta villa em 19 de março de 1523, edu-

Ainda outro aspecto da feira

cado em Coimbra, onde foi companheiro de Camões, auctor da celebre *Diana*, escripta em hespanhol, prosa e verso, cuja primeira parte foi publicada em Valencia em 1542. Viajando pela Europa, veiu a morrer n'um duello em Turim, em 26 de fevereiro de 1561.

D'um soneto que em sua memoria escreveu Faria e Sousa, extrahimos o terceto que adeante vae e que synthetisa toda a vida do poeta:

> Pequeno em *maior monte* emfim nasceste:
> Maior viveste em monte mais ufano;
> E em Piemonte, não pio, feneceste.

Terminando esta singela noticia, não devemos esquecer que Montemór é um importante centro do commercio d'esta região. Todas as quartas feiras de cada quinze dias, ahi tem logar uma feira muito concorrida, magnifico espectaculo ethnographico, onde se realisam importantes transacções, sobretudo de cereaes. Ha tambem uma outra annual a 8 de setembro.

Coimbra, 6—III—906.

ANTONIO MESQUITA DE FIGUEIREDO.

(Clichés do auctor)

Atravessando o Mondego no regresso da feira

A VIDA INTIMA DE UM PRINCIPE

DO BERÇO Á REGENCIA

COMO NASCE UM PRINCIPE — HA 19 ANNOS — A PARTEIRA MADAME PRÉVOT — OS MEDICOS RAVARA E GUENEAU DE MOUSSY — AS DUAS AVÓS — EL-REI D. LUIZ.

«Depois de 16 horas de trabalho, sua Alteza Real, a Serenissima Princeza D. Maria Amelia deu á luz um robusto menino».

Eram estas as palavras do boletim que, faz depois de amanhã 19 annos, foi jubilosamente affixado no Paço de Belem, escripto pelo proprio punho de um dos medicos da Real Camara. O velho Paço, comprado por El-Rei D. João V ao conde de Aveiras, antigo albergue de frades arrabidos, acabava de merecer a honra de abrigar o nascimento d'um Principe. Uma salva de 101 tiros annunciára á cidade inquieta a nova tranquillisadora. Estava assegurada a continuidade dynastica na casa de Bragança. Nascera o Principe da Beira.

Se ha alegrias explosivas e sinceras foi a de toda Lisboa ao conhecer a noticia official do feliz successo. Alegria tanto maior, quanto era certo que desde o dia 8 de março em que começaram a manifestar-se os primeiros symptomas, os signaes precursores, o estado da Princeza D. Amelia inspirava naturaes receios. Havia mesmo quem se mostrasse apprehensivo ácêrca dos possiveis resultados do parto. Passavam-se os dias e as noites em sobresalto constante. A senhora Condessa de Paris, n'um disvello verdadeiramente maternal, não abandonava o leito de sua Filha, — que depois se havia de trocar por um pobre e simples leito de ferro. No Patriarchado faziam-se preces. O proprio Principe D. Carlos, acompanhado dos condes de S. Miguel e de S. Mamede, do seu ajudante de campo Fonseca Vaz e do dr. Ravara, velava as noites inteiras, e só adormecia de madrugada, em cima d'um sophá.

Esta situação de expectativa prolongou-se ate ás cinco horas da madrugada do dia 21, segunda feira, em que começou o trabalho da parturição. Principiava vagamente a azular-se a madrugada. Ninguem se tinha deitado. Em volta do leito da Princeza, além de sua mãe e de sua sogra, a rainha sr.ª D. Maria Pia, — estavam a parteira franceza madame Prévot, a sua antiga *femme-de-chambre* Catharina, o doutor Ravara e o velho doutor Gueneau de Moussy, amigo intimo da familia de Orléans, que vira nascer todos os filhos do conde de Paris e de Izabel de Montpensier. Havia luzes accesas. Faziam-se os necessarios preparativos. O berço, o mesmo berço doirado que servira aos ultimos principes, aguardava a um canto, n'uma nuvem de rendas.

— «Não passa de hoje!» — affirmava o dr. Ravara ás duas futuras avós, affagando nervosamente a barba. — «Não passa de hoje, com certeza!» A rainha D. Maria Pia, commovida, notava a coincidencia de terem nascido tambem a uma 2.ª feira o Principe

real e o infante D. Affonso. Entretanto, na sala contigua, El-Rei D. Luiz, afundado n'uma poltrona, dizia a sorrir para o conde de S. Miguel, vendo a perturbação do Principe D. Carlos, que passeava d'um lado para o outro, inquieto e nervosissimo:

«—Era assim tambem que eu esperava por elle... ha vinte e quatro annos!»

Finalmente, ás 9 da noite, «depois de 16 horas de trabalho», na phrase sóbria do boletim, — nasceu com a primavera o pequenino Principe da Beira. As duas avós beijavam-se. A creada predilecta, Catharina, tinha os olhos molhados de lagrimas. Madame Prévot, com um avental branco sobre o vestido de séda preta, desenvolvia uma actividade vertiginosa. D'ahi a pouco, o dr. Ravara, segundo a praxe, apresentava a El-Rei D. Luiz o Principe recemnascido, e o monarcha collocava ao peito do illustre homem de sciencia a commenda da Conceição.

Portugal tinha mais um Principe, — e mais um banco de pinchar d'oiro, de dois pendentes, os Armoriaes do Reino.

O PRIMEIRO BAPTISMO — D. LUIZ OU D. MANUEL? — O BAPTISADO SOLEMNE — A AMA DE SUA ALTEZA.

Nascera o Principe. Era preciso, antes de tudo, dar-lhe um nome e uma ama. Baptisal-o e alimental-o. Fazel-o christão, — e fazel-o um Hercules.

Mas que nome deveria dar-se ao Principe da Beira? Que tradição se perpetuaria n'esse nome?

O problema começou desde muito cedo a discutir-se. Formaram-se dois partidos no Paço e na familia, — cada um propondo e justificando o seu. Um dos partidos queria que o Principe se chamasse Luiz, como seu avô paterno D. Luiz I, como seu avô materno o conde de Paris, como seu bisavô o duque d'Orleans Fernando Filippe Luiz, como seu terceiro avô o rei Luiz Filippe. O outro partido, a que presidia a Rainha sr.ª D. Maria Pia, propunha para o pequeno Principe o nome de Manuel, e dava as suas rasões. Com effeito, fôra uma princeza da casa de Portugal, D. Beatriz, filha d'el-rei D. Manuel, que levára este nome á casa de Saboya: o celebre duque Manuel Filisberto, o grande general de Carlos V, vencedor do condestavel de Montmorency, fundador da Universidade de Mondovi e restaurador da Ordem de S. Mauricio e S. Lazaro, conhecido na historia italiana pelo *Testa de Ferro*, — era filho da Prin-

Orleans ainda vestido com o uniforme vermelho de alumno cadete de Sandhurst, — e todo o ministerio progressista d'então, de que faziam parte o sr. José Luciano, o sr. Beirão, unicos sobreviventes, e mais o visconde de S. Januario, Marianno de Carvalho, Barros Gomes, o conde de Macedo e Emygdio Navarro.

Mas o grande successo d'esse dia de baptisado não foi a belleza da capella, não foi a sumptuosidade das fardas, não foi a riqueza das joias, não foi a formosura de Helena de Orleans, não foi o dolman escarlate do Duque: o grande successo foi a face rosada, cheia de seiva e de brilho, de saude e de frescura, do pequenino Principe D. Luiz Filippe. — «Como está gordo!» — «Como é lindo!», murmuravam as damas do Paço, n'um sorriso, ao vel-o passar ao collo de D. Izabel Ponte. E o nome da ama dizia-se, repetia-se baixinho, n'uma quasi glorificação á obra fecunda do seu leite de extremenha. Era uma bella mulher de 28 annos, Anna de Jesus Santos, filha do guarda-portão do conde da Praia e Monforte, casada com um bom homem chamado Camillo Hypolito, e nascida em Reguengo Grande, na comarca de Torres Vedras.

ceza de Portugal D. Beatriz, a linda *«Menina e Moça»* de Bernardim. Seria pois justo que uma princeza da casa de Saboya, em paga d'essa divida gloriosa, trouxesse de novo ás dynastias portuguezas o nome felicissimo de Manuel.

Mas o primeiro partido venceu, — e logo na mesma noite, quasi á uma hora da madrugada, o cardeal Patriarcha, procedendo ao primeiro baptismo, deu ao Principe recemnascido o nome de Luiz.

Mais tarde, no dia 17 de abril, realisou-se então o baptisado solemne, na severa e sobria capella de marmore do Paço da Ajuda. O principesinho, que ainda não tinha um mez, muito loiro, muito rosado, perdido entre molhos de rendas de Bruxellas, com um sumptuoso vestido azul, presente da Rainha avó a sr.ª D. Maria Pia, — fez a sua entrada solemne na capella, gravemente, entre fardas bordadas e gran-cruzes. Portou-se como um verdadeiro Principe durante a ceremonia: nem um beicinho, nem uma lagrima. Assistiram ao acto El-Rei D. Luiz, de generalissimo, a Rainha com um bello manto de velludo *grenat*, a sr.ª condessa de Paris, o conde de Paris, de casaca, a sr.ª duqueza de Montpensier, a linda princeza de Hohenzollern, D. Antonia, a princeza Helena d'Orleans, fresca e leve como uma figurinha de Greuze, o duque de Montpensier encostado á sua bengala de septuagenario, o duque de

Ao contrario da tradição, que mandava aleitar os principes a um seio nobre, affirmado e authenticado por todos os Reis d'Armas do Reino, o Principe D. Luiz Filippe teve por ama a filha d'um pobre guarda-portão.

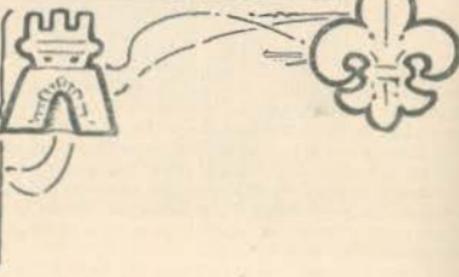
O sangue não seria muito azul: mas não ha duvida de que o leite era excellente.

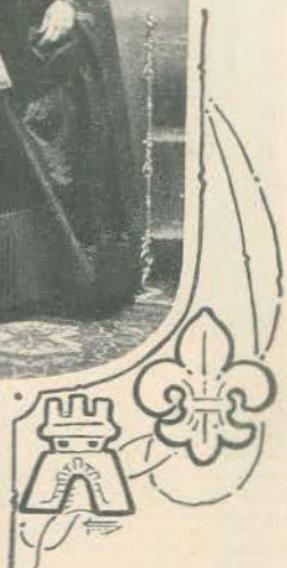
A EDUCAÇÃO D'UM PRINCIPE — D. IZABEL PONTE E D. CARLOTA CAMPOS — O AIO MOUSINHO — O PRECEPTOR FRANZ KERAUSCH

Se pensarmos em como é difficil educar uma creança vulgar, comprehenderemos que assombrosa tarefa será a da educação d'um Principe.

Logo que o tiraram do leite da ama e que sua augusta Mãe o permittiu, o pequenino D. Luiz Filippe foi entregue a duas illustres senhoras, com quem passou a sua primeira infancia: D. Izabel Ponte e D. Carlota Campos. Foi esta ultima senhora que o ensinou a repetir, de joelhos sobre o berço, as primeiras palavras d'uma oração; que mais tarde o ensinou a lêr e lhe deu as primeiras luzes de doutrina e de moral; era ainda

ao lado do seu leito que o pequenino Principe dormia, com ella que brincava, só com ella que se entendia para tudo, como se verdadeiramente lhe fosse uma segunda mãe. Depois de seus augustos Paes, é á sr.ª D. Carlota Campos que se deve a formação lenta, paciente, amorosa, d'esse caracter de verdadeiro Principe,— modelo de bondade e de nobreza, de dignidade e de ternura, de fidalguia e de sensibilidade.

O primeiro passo estava dado. D. Luiz Filippe era já uma encantadora creança, docil, bondosa, compassiva, sem esse orgulho de raça e quasi de instincto, essa hypertrophia precoce de personalidade que caracterisa os pequenos principes, e que levou um dia o archiduque Filippe, depois Filippe II, aos cinco annos de edade incompletos, a mandar descobrir violentamente o Arcebispo de Toledo, cardeal Tabera, que se conservara deante d'elle de chapéu na cabeça: — «*El bonete, el bonete, Cardenal!*» Sua augusta Mãe teve, desde logo, nitida e precisa, a alta noção do que deveria ser a educação moderna de um Principe. Seguindo o caminho já traçado por outra grande educadora, a rainha sr.ª D. Maria Pia, soube preparar ao pequenino Principe da Beira uma infancia despreoccupada, simples, quasi modesta, extranha quanto possivel aos hirtos rituaes da côrte e a toda a especie de exhibições sumptuosas e de excessos de protocollo, tão funestos sempre a um espirito infantil que se forma.

Mas não se tratava apenas de fazer do Principe D. Luiz Filippe uma creança encantadora: era preciso fazer d'elle um homem, era preciso fazer d'elle um rei. O Principe foi então, como se dizia nas velhas chronicas do Reino, «afastado da communicação e serviço das donas,» para ser opportunamente entregue a um preceptor e a um aio. Depois de lhe cultivar o sentimento, era necessa-

rio enriquecer-lhe o espirito e formar-lhe o caracter. Todos conhecem pela lição da historia a nefasta influencia dos maus preceptores sobre os bons principes. Todos sabem o que o bispo de Miranda D. Antonio Pinheiro fez do principe D. João, filho de D. João III, e o que o theatino Camara, arguto e tortuoso, fez d'El-Rei D. Sebastião. Nada mais difficil do que escolher o director espiritual d'um principe. É muitas vezes jogar o destino d'um regimen. É sempre dar um passo decisivo na vida de um povo.

Quando se pensou em dar um preceptor ao Principe da Beira, ponderaram-se as responsabilidades de semelhante cargo e hesitou-se longamente. Por fim, o problema foi resolvido. Alguem indicára o nome de Franz Kerausch, rapaz de 30 annos incompletos, doutor em lettras pela faculdade de Vienna, que já fôra preceptor d'um archiduque d'Austria

e do principe Manuel d'Orleans, hoje duque de Vendôme, filho do duque d'Alençon e d'uma archiduqueza da Baviera. As informações não podiam ser melhores,—e a indicação foi acceita. Dentro de pouco tempo, Franz Kerausch entrava ao serviço do Principe D. Luiz Filippe. Ao lado da figura heroica e trigueira de Mousinho, aio de Sua Alteza, espirito turbulento e brilhante, aventureiro e romanesco, —a figura loira e placida do preceptor austriaco destacava, disciplinadora, paciente, recta, grave, propondo-se fazer do Principe seu pupillo, na sua phrase synthetica de philosopho, —*«ao mesmo tempo um homem como todos os outros e um homem como nenhum outro.»*

COMO SE FAZ UM REI — METHODO DE TRABALHO — OS PROFESSORES — TENDENCIAS ARTISTICAS E LITTERARIAS — O PRINCIPE E O THEATRO.

D'ahi por diante, a mocidade do Principe, entre um heroe e um sabio, entre uma affirmação de bravura latina e um exemplo de erudição germanica, foi um largo periodo fecundo de ensinamento e de formação.

Franz, com a sua ener-

gia tranquilla, com a sua placidez forte, era ao mesmo tempo risonho e inflexivel. Recebera de mãos carinhosas de mulher uma creança de onze annos. Era preciso fazer d'essa creança, um homem; d'esse homem, um rei. Já estava habituado a educar principes. Recomeçou.

O regimen de vida instituido então, ainda hoje se mantém, com as naturaes modificações que a evolução aconselhou. É um modelo de trabalho disciplinado e um prodigio de methodo verdadeiramente allemão. Sua Alteza, como ainda hoje, levantava-se ás 6 horas da manhã,—com luzes accesas no inverno. Ás 7 e meia reunia-se, com seu irmão o infante D. Manuel e com Franz Kerausch, para o primeiro almoço. Terminado elle, os Principes iam visitar El-Rei e a Rainha. Seguiam-se as lições,—esgrima, equitação, etc. Ao meio dia, almoço com Kerausch. Até ás 2 horas da tarde, descanço. O Principe conversava, brincava; o infante D. Manuel, cujo talento musical é notavel, tocava piano. De novo theorias, lições,—e antes do jantar segunda visita a El-Rei, por quem D. Luiz Filippe tem uma verdadeira ternura. Não havia quebra n'este regimen,—como ainda a não ha hoje. O relogio de oiro de Franz era o regulador inflexivel d'esta vida methodica, severa e fecunda. O espirito do Principe ia-se progressivamente revelando, o seu caracter abria e affirmava-se, marcavam-se predilecções, definiam-se tendencias. Sob a figura loira e rosada de D. Luiz Filippe ia surgindo o homem forte, a vontade firme, a energia viril. O Principe revelava-se mais reflexivo; o infante, mais artista. Em ambos a intelligencia era viva, rapida, scintillante, prompta. A memoria era a proverbial memoria dos Braganças, invejavel de extensão e de felicidade. Franz Kerausch, d'accordo com o preceptor militar Antonio Costa, dirigia toda a especialisação do ensino. Os professores succediam-se: agora Marques Leitão,—geometria e algebra; logo Achilles Machado,—sciencias naturaes; mais tarde Oliveira Ramos,—historia patria; em seguida Lopes Praça,—philosophia e direito; por fim, o tenente-coronel Castro,—topographia e balistica, o major Garcia Guerreiro,—estrategia, o mestre Antonio Martins,—esgrima. E pouco a pouco, insensivelmente, nas mãos energicas de Kerausch, o principesinho Luiz Filippe, cuja face côr de rosa parecia a d'um pequenino Amor do seculo XVIII, que D. Izabel Ponte acariciava com uma ternura quasi maternal e a quem D. Carlota Campos ensinára a juntar as primeiras palavras do *Padre-Nosso*, tornou-se o que é hoje,—um homem, em toda a extensão viril e nobre da palavra,—um principe, em toda a latitude fidalga da expressão.

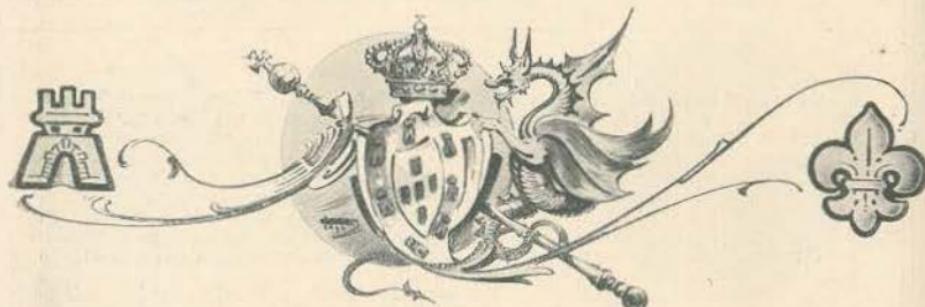
Mas D. Luiz Filippe não é apenas o espirito ponderado e reflexivo, erudito e superior, que as suas provas, e ainda o ultimo exame de 23 de fevereiro nos teem revelado: é tambem um artista. Não terá a vibratilidade, a impressionabilida-

de, o temperamento, o feitio italiano do infante D. Manuel, mais Saboya e menos Orléans, *virtuose* precoce e compositor: mas seguindo a tradição brilhante de sua Mãe a sr.ª D. Amelia, excelsa illustradora do *Paço de Cintra;* de seu Pae El-Rei D. Carlos, um grande pintor a pastel; de sua tia-avó D. Luiza d'Orleans, filha do rei Luiz Filippe, esculptora, discipula de Ary Scheffer e auctora da estatua de *Joanna d'Arc* no museu de Versailles; de sua outra tia-avó, a princeza D. Maria Benedicta, de quem restam alguns quadros a oleo na Basilica da Estrella,—seguindo esta brilhantissima tradição de familia, o Principe D. Luiz Filippe desenha primorosamente á penna, com uma finura e uma elegancia admiraveis, mostrando-se o digno representante d'uma dynastia de principes que é ao mesmo tempo uma soberba dynastia d'artistas.

E não são só as artes plasticas que lhe merecem attenções e disvellos: tambem a litteratura o interessa,—especialmente a litteratura portugueza. É vulgar inquirir do seu professor Oliveira Ramos informações e esclarecimentos ácerca dos nossos homens de lettras, dos nossos romancistas, dos nossos poetas, dos nossos dramaturgos. Pelo theatro, sobre tudo, o principe tem uma verdadeira paixão. É o mesmo sangue litterario de seu avô El-Rei D. Luiz, o traductor da *Fedora,* da *Odette* e do *Othello* de Shaskespeare. A primeira comedia que lhe deram para lêr—por excepção, porque Kerausch não deseja que o seu régio pupillo leia theatro,—devorou-a, riu immenso, quasi a decorou da primeira á ultima scena, e acabou por declarar que não se lembrava ha muito tempo de ter feito uma leitura que o dispuzesse tão bem.

... Era uma comedia de Labiche!

A BONDADE DE SUA ALTEZA — UM PAE DOS POBRES — O QUE O PRINCIPE É HOJE — O QUE SERÁ AMANHÃ

Mas ha um ponto ácerca do qual todos os que teem a honra de privar com Sua Alteza insistem com o mesmo enthusiasmo: é sobre a sua incomparavel bondade. O Principe D. Luiz Filippe não é só um espirito superior: é tambem um grande coração. Facil em affeiçoar-se, extremamente compassivo, as desventuras alheias commovem-no e impressionam-no quasi tão vivamente como se fossem proprias. O filho e o neto de duas das mais caridosas princezas de Portugal não podia deixar de ser uma alma de eleição. É verdadeiramente extraordinaria a affectuosa bonhomia com que o Principe trata todos os seus creados, o interesse paternal que mostra por elles, a ternura com que véla de longe pela sua felicidade, a sollicitude com que lhes manda a occultas dinheiro e remedios quando adoecem. Como El-Rei D. Sebastião, esse loiro Galaaz adolescente que reuniu em si tão excelsas virtudes,—o Principe D. Luiz Filippe podia escrever tambem nos seus apontamentos intimos:

—«*Serey pae dos pobres e de quem não tem quem faça por elles*».

Mas a par d'essa bonhomia,—que linha fidalga de principe! Como sem esforço, sem constrangimento, se desempenhou ainda ha mezes de todos os deveres da Regencia! Causou impressão o ar de dignidade tranquilla, de nobre simplicidade com que um dia, um pouco pallido, fez sentir a um ministro da Corôa que certa mercê fôra impropriamente concedida. Como D. Pedro V, meticuloso e ponderado, intelligente e inflexivel, rejeita por systema, quasi por instincto, tudo o que não signifique uma intenção clara, virtuosa e limpida. É d'uma rectidão e d'um espirito de justiça admiraveis,—corollario natural da sua bondade e da sua virtude. Á semelhança d'El-rei D. Duarte, que, ainda principe, fez bordar na sua roupa um camello d'oiro com um fardo enorme, symbolo das responsabilidades do poder real,—D. Luiz Filippe comprehende nitidamente que árdua missão lhe está reservada e prepara-se para o exercicio do poder como para um sacerdocio.

Quando aos 19 annos um principe se revéla tão perfeito e tão completo, — que fará mais tarde, quando, pela ordem natural dos destinos humanos, a realeza o attingir em plena maturação e em plena virilidade?

J. D.

(Clichés da casa Bobone)

Arthur Prat, no seu «atelier» em Paris

Realisou-se no dia 2, em Paris, o *vernissage* da exposição do pintor portuguez Arthur Prat, nas vastas galerias dos «Artistas Modernos», na rua Caumartin.

A exposição, que esteve aberta até ao dia 13, obteve um grande successo. Arthur Prat, que conheciamos apenas como paizagista, revela-se um *animalista* de notaveis aptidões. Em ambos os quadros que a «Illustração Portugueza» reproduz, *Epilogo de lucta* e *Incendio n'uma cocheira*, o assumpto é tratado com uma poderosa intensidade dramatica. A critica parisiense faz a estas duas composições os mais incondicionaes elogios. No primeiro quadro, o pintor mostra-nos a briga de duas aguias, no momento em que a vencida, com as azas quebradas pelas garras da adversaria, cae moribunda do alto da escarpa onde ambas encarniçadamente luctaram. No segundo quadro, tres cavallos, apavorados pelo incendio que devora a cavalariça, esforçam-se por rebentar as cordas que os prendem ás mangedouras. Um dos animaes agonisa, asphyxiado pelo fumo da palha, emquanto os companheiros tentam inutilmente fugir ás lavaredas.

Além d'estas obras, Arthur Prat expõe mais 38 pinturas a oleo, entre as quaes 18 paizagens do Vouga — a sua região favorita, — sem contar oito pasteis e dois desenhos. Ao todo 10 trabalhos, na sua quasi totalidade ineditos para Portugal.

No dia seguinte ao do *vernissage* da galeria dos «Artistas Modernos», o critico francez Charles Fuster presidia a um banquete dado em honra do artista portuguez, em que discursavam o esculptor Boucher e o pintor Wallen.

Epilogo de lucta

Incendio n'uma cocheira

A Exposição de Arthur Prat na galeria dos «Artistas Modernos»

Corriam os primeiros annos floridos e luminosos da Regeneração, quando chegou aqui a Alboni. S. Carlos abria no fim de outubro, sempre no dia dos annos de D. Fernando II, e fechava na primavera. S. Carlos, rei absoluto, dominava a aristocracia e a classe-media.

D. Fernando, muito moço, viuvo e gentil homem, era o leão primaz.

Cantor ou cantora de nomeada produzia caso grande, caso sensacional como agora se diz. Homens, mulheres, em casa, na rua, nos serões, nos bailes, então muito frequentes, nos cafés, na imprensa, não tomavam a serio outra coisa.

As caraiticinas a ferro e fogo, as luctas estrondosas e escandalosas da tribuna haviam acabado. Como áquelles primeiros annos floridos e luminosos da Regeneração, repito, se podiam seguir outros fecundissimos, e sermos hoje uma nação de primeira ordem, se não fosse... o que todos sabemos.

Chegou o paquete que trouxe a Portugal a Alboni. Os emprezarios (não me lembra quem eram nem tenho aqui um jornal do tempo a que possa acudir para elucidar estas notas) foram esperal-a a Belem, pondo-lhe ás ordens uma pomposa carruagem com lacaios de espavento.

Vi ha pouco um retrato da Alboni, que parece o de uma sopeira já madura e vesga. Por ahi ainda ha de haver gente que a conheceu. Era uma formosa cabeça de colorido ardente, cheia de luz e de expressão sugestiva, sobre um corpo cuja exuberancia de tecidos se tornava incompativel com a gentileza. Contralto não houve nunca outro que lhe sobrelevasse. Alliava ao poder extraordinario da garganta o talento e saber de artista consummada. A sua rival, Novello, genero completamente diverso, mas de muito merito.

Formaram-se dois partidos ou antes dois bandos, que levaram a exaltação até á ferocidade!

Faiscaram, saindo da bainha, os gladios dos luctadores da imprensa, e entre elles uma espada de dois gumes, a mais rutilante, no punho apparentemente debil do athleta Latino Coelho, então na primeira flôr da mocidade.

Era Novellista. Agora o veremos. Agora?... Seria preciso acudir ás folhas volantes do tempo para se admirarem maravilhas!

As mulheres correram á grande refrega, não como vivandeiras, como amazonas. Rememoral-as nos passos e lances d'aquellas batalhas, completar os episodios secretos em que chegaram ás mãos, "e eram mãos do mais puro azul no sangue das veias, as cartas crepitantes de paixão com que vieram á imprensa, daria para um interessante livrinho.

O velho lustre de S. Carlos, a azeite, unico illuminador das frisas e camarotes fundos e sombrios, levava as lampas á luz electrica de agora.

É que a luz deslumbradora d'aquellas noites era o enthusiasmo e a belleza das mulheres. Retratar-lhes hoje as feições, na correcção severa de umas, na graça expressiva de outras, dava uma soberba galeria de quadros feminis.

Condessa de Belmonte, um encanto! Tinha a quem sair; era filha do duque de Loulé, o mais bello homem de Portugal, e da infanta

A cantora Alboni

D. Anna de Jesus Maria, a primeira estampa de mulher do nosso paiz, e a mais elegante princeza da Europa. Laura Blanco, exemplar assombroso—não tenho outro epitheto—do mais fino sangue que os arabes legaram á Andaluzia. Condessa das Galveias, sobretudo na distincção e na aureola de sympathia que lhe illuminava o rosto. Maria Amalia Machado (Figueira), Christina Sampaio (viscondessa da Charruada).

E tantas e tantas!...

Sem o minimo exagero: uma constellação de estrellas peregrinas!

Uma noite, cantava a Alboni e a sua rival. Tinham chegado as mais renhidas batalhas, porque eram as ultimas.

Na plateia superior cavalheiros, na maior parte de summa gravidade, de morrões accesos. Na plateia geral os frequentadores, que no lance decisivo haviam de carregar á arma branca.

Rebentaram as palmas e trovejou a pateada.

As Albonistas ora agitavam convulsas os lenços, ora batiam as mãos freneticas, volvendo olhos triumphadores para as adversarias, que, não podendo patear, estalavam os leques, mordiam os beiços, manifestando nos raios fulminadores das pupillas a inveja de não serem homens, para se jogarem com unhas e dentes ás capitaes inimigas!

Essa noite foi assignalada por um episodio que podia ter sido grave.

José d'Avellar era Albonista dos mais ardentes. Andava no ultimo anno da Escola Medica. Talento notabilissimo. Alto, bem talhado, tez pallida, barba negra e fina. Soberba planta de homem.

A cantora Novello

A Infanta D. Anna de Jesus Maria

Em pé, na plateia geral, applaudia um dos passos da extraordinaria garganta da Alboni. Atraz d'elle ficava um rapaz forte, destemido e bemquisto. Era o David alfaiate. Era Novellista exaltado. Impetuoso e não podendo conter-se, deitou a mão á aba da sobrecasaca de José Avellar, dando-lhe um grande sacão. José voltou-lhe o peito amplo e audivel na voz varonil e redonda, dizendo-lhe:

—Lá fóra.

E continuou applaudindo. Depois de cair o panno não sei quantas vezes, e ainda no meio do turbilhão da plateia, sairam ambos.

Na escuridão do largo atiraram-se um ao outro a braços.

José ficou com uma leve ecchymose; David muito pisado. Foram presos e levados para o governo civil.

David, enfurecido por não ter levado a melhor, clamava que viessem peritos para examinar o ferimento. José d'Avellar disse-lhe, serenamente:

—Cada um de nós tem o seu officio; eu, como estou quasi medico, curo-lhe a cara; você, que é alfaiate, compõe-me a sobrecasaca, que me esfarrapou. E fica tudo em casa.

◎

N'aquella epoca o enthusiasmo dava em murros, infelizmente.

Felizmente agora não ha nem enthusiasmo, nem murros. Mas... segundo tenho ouvido dizer, parece que abunda por ahi a sensaboria!

Monte de Caparica, Torre.

BULHÃO PATO.

A «Illustração Portugueza» abre hoje esta secção permanente, onde publicará todos os documentos photographicos interessantes que lhe sejam enviados, relativos a monumentos, costumes, curiosidades e paizagens do nosso paiz. Na sua continuidade, esta secção será como um kaleidoscopio, em que passarão os mil aspectos da vida e da terra portugueza, nos seus mais ignorados costumes, nas suas mais remotas paizagens. Revelar Portugal aos portuguezes — eis o que representará, na sua singela eloquencia, o programma d'esta pagina, aberta a todos os photographos amadores e profissionaes que accedam a valorisal-a com a sua collaboração.

Aspectos, curiosidades e paizagens de Portugal

N.º 1, Lorvão, vista geral do Mosteiro—N.º 2, Figueira da Foz, a doca na qual houve ha pouco um desmoronamento que o «Seculo» largamente relatou—N.º 3. Uma caçada aos coelhos em Celorico da Beira, no alto da Aldeia da serra em dia de nevão.—N.º 4. Mosteiro de Santa Clara. Entrada do pateo: o rapaz está agarrando uma corrente, vestigio do principio ou direito de asylo que tinham este e outros mosteiros.—N.º 5. Cova de Lavos, ao sul da Figueira da Foz: casas de pescadores.

(Clichés de Mesquita de Figueiredo).

Portugal está representado n'esta exposição por trabalhos das sr.as condessa d'Alto Mearim e viscondessa de Sistello, duas altas organisações artisticas que desde ha muito concorrem com as suas obras ás exposições do *Salon*. No *Grand Palais*, a sr.ª condessa de Alto Mearim expõe um quadro, o retrato de M. de V., e a sr.ª viscondessa de Sistello duas telas intituladas *Réveil* e *Sainte Marguerite*, além de mais tres quadros que representam trechos de paizagens de Arcos de Val de Vez. O *Reveil* é uma tela cheia de verdade e de intensa arte, representando uma mulher a erguer-se do leito na luz suave da manhã; e tanto successo fez que desde logo foi reproduzida em bilhetes postaes coloridos e no album Benard, editado por Madal. *Sainte Marguerite* é um bocado de paizagem fresca e sã, um trecho da Normandia, tão cheia de legenda e de pittoresco. Todas estas obras teem sido muito apreciadas pelos visitantes de todas as nacionalidades que concorrem á exposição mundana do *Grand Palais*.

A presidente da Sociedade das Damas Pintoras e Esculptoras é madame Esther Huillard, cujos trabalhos são justamente apreciados nos meios artisticos.

«Retrato de M. de V.», pela sr.ª condessa de Alto Mearim — «Arredores de Arcos de Val de Vez», pela sr.ª viscondessa de Sistello

Os trabalhos das Damas Pintoras e Esculptoras na exposição do «Grand Palais» em Paris

A VELHA E A NOVA ESCOLA MEDICA

Torneja-se a grade do largo de S. Domingos, galga-se a calçada do Garcia, viella suja, tortuosa e ingreme, entra-se no hospital em cuja larga portaria se alinham estatuas de santos, atravessa-se o claustro, sobem-se as escadas que conduzem á antiga enfermaria de S. Miguel, corta-se ás cozinhas, sae-se finalmente o largo portado de ferro, onde depois de toda aquella escuridão abobadada se chega avido de sol, — e ahi temos, logo de frente, no meio de um terreiro amplo, o casarão cinzento, massiço e informe da velha Escola Medica.

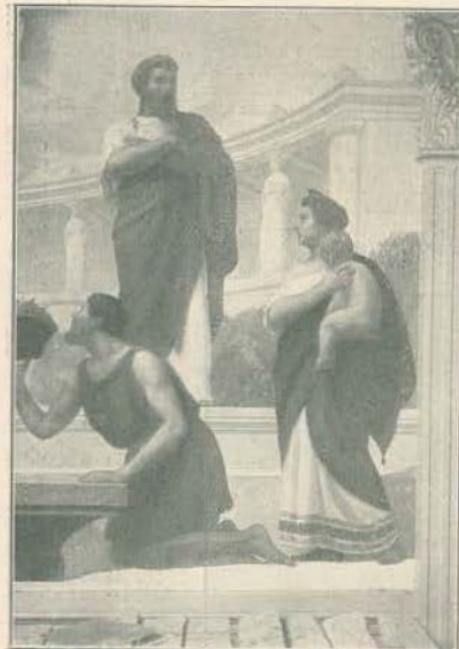
Foi ahi n'esse pardieiro de dois andares, sombrio como um armazem, sordido como uma prisão, que durante quasi um seculo se fabricaram grandes medicos e grandes homens. Foi essa ruina a *Mère Gigogne* de gerações e gerações de clinicos, de anatomistas, de operadores. Herdeiras da escola do Hospital Real de Todos os Santos, aquellas paredes assistiram á evolução d'um seculo de sciencia, foram confidentes mudas d'um seculo de erros, viram dissecar, mutilar, desconjunctar um seculo de cadaveres. Foi ahi que se pavonearam todos os grandes mestres, desde a casaca de sêda de Mouravá y Roca até aos casacões primitivos que o professor Raposo talha para si proprio. Foi d'ahi que surgiram Lourenço, Bernardino Antonio Gomes, Alvarenga, Theotonio, Serrano, Thomaz de Carvalho, Manuel Bento, Magalhães Coutinho.

Galeno

Nunca um barracão foi mais fecundo de genios. Mas é preciso que nos affirmem sob palavra de honra que aquillo não é um celleiro, que aquillo não é um armazem, que aquillo não é uma cavallariça, — que aquillo é positiva e terminantemente uma escola, para nós acreditarmos que foi realmente ali dentro, n'aquelle pardieiro, que se produziu es-

-sa lenta mas solemne estratificação de sabios.

Isto quanto ao aspecto exterior. E lá dentro?

Lá dentro,—nem falemos. Velhos corredores de tijolo, paredes em ruina, sustidas por grampos de ferro, soalhos esburacados, escadas gastas, nichos infectos, tectos a cair, uma ameaça de ruina constante, de catastrophe imminente,—e no angulo formado pelos dois braços do edificio, onde se esburacam umas janellas de grades conventuaes, o pateo com o barracão quadrilatero das dissecções, tambem em ruina, tambem sustentado por grampos de ferro, a esboroar-se, a desconjunctar-se, a apodrecer. Aulas, tres ou quatro, — para tudo. Por toda a parte, nos corredores, no pateo, ao sol, peças anatomicas a macerar dentro de potes bojudos, infeccionando, empestando, nauseando. Para além, uma especie de jardim botanico onde uma especie de jardineiro conserva uma especie de estufa,—e em volta, nos muros, nas arvores, nos canteiros, como nas paredes, como nos tectos, como em tudo, a ruina, a velhice e o desleixo. Nada que recorde a magestade sumptuosa d'uma escola, nada que não seja a manifestação

Harvey

tradicção do que se ensina lá dentro na cadeira de hygiene, nada que afine com a solemnidade hieratica com que officiam, erguendo dois dedos prelaticios, esses quatorze bons homens de béca, herdeiros em linha recta da sciencia de Zacuto Lusitano e da preguiça immortal de Sancho Pança. Uma mizeria. E ali se viveu, e ali se fizeram medicos, e ali se desdobrou, dentro d'aquella cavallariça immunda, o cerimonial antigo dos Actos Grandes, entre uns mizeros reposteiros de gorgorão vermelho que escondiam umas mizeras portas esburacadas!

Trecho lateral do «panneau» de Esculapio

Mas se a velha Escola era má para lá se estar, —ainda era peor para lá se chegar. Ao fim dos cinco annos do curso, a calçada do Garcia fazia de cada estudante um cardiaco. Foi a respeito d'essa velha calçada, fatigante, longa, d'um pessimo empedrado, torta como uma viella de burgo, ingreme como um Calvario, que Marcellino de Mesquita disse um dia, puxando a pera, nos seus gestos bruscos de ribatejano:

— «Caramba! É a parte mais difficil do curso de medicina!»

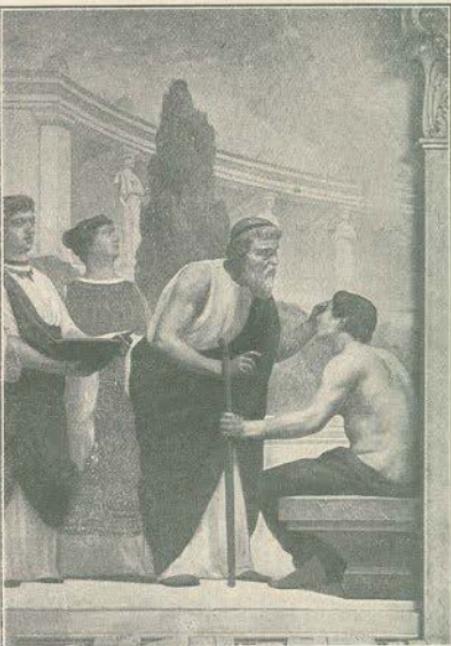
⁂

Ora precisamente depois de se ter visitado este pardieiro sordido, arruinado, lugubre, que o conselho escolar condemnou á demolição e de que o professor Alfredo da Costa pensa fazer uma Maternidade, coherente com as suas idéas de protecção ás gravidas pobres, — é d'um vivo e imprevisto contraste correr a rua hospitalar entre o jardim e a lavanderia, sair ás portas da Morgue, galgar ao Campo de Sant'Anna, e vêr a nova Escola de Medicina. Faz bem ao espirito. É uma renovação, é um banho d'ar puro. Como affirmava um illustre medico, dando-nos a impressão flagrante do seu enthusiasmo:

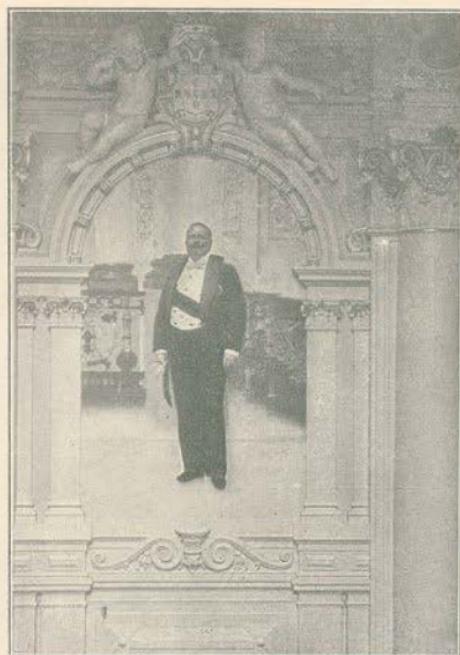
— «Dá vontade de fazer o curso outra vez!»

Bello edificio, solido documento d'arte, com a sua fachada sumptuosa, as suas ilhargas sobrias, o seu simples friso de medalhões, e esse ar de

Garcia da Horta

socego e de tranquillidade que só tem a grande e perfeita architectura, o novo palacio é uma desforra brilhante do primitivo barracão e da primitiva mizeria. Traçou-o o fallecido Nepomuceno, modificou-o o architecto Leonel Gaya, decoraram-no os pintores Salgado, Ramalho, João Vaz, Jorge Colaço, e os esculptores Costa Motta e Moreira Rato. O XV congresso de medicina póde installar-se ali, com a sua peregrinação cosmopolita de sabios: não haverá motivos de vergonha para ninguem. Desde o pequeno claustro interior, onde a luz entra a jorros, até á escadaria nobre; desde os amphiteatros de histologia e de anatomia pathologica, até á vasta, arejada e illuminada sala das dissecções, com a sua meia laranja dando para as trazeiras do hospital; desde as installações de physiologia e pathologia geral até ás largas salas do Museu e da Bibliotheca; desde os amplos depositos de cadaveres até ao terraço alto destinado á maceração de peças anatomicas, — tudo é perfeito, solido, equilibrado, bello, inteiramente adaptado ás exigencias da installação technica, e digno d'uma escola moderna e civilisada.

Mas o que mais impressiona o visitante não profissional são sem duvida as decorações da escada e vestibulo nobre, do gabinete real, da Sala dos Actos e da Sala dos Passos Perdidos.

A escada e o vestibulo são talvez acanhados, e o fingido dos marmores, em baixo, é duro e imperfeito. Mas basta o vitral do tecto pintado por João Vaz e executado na *Cartuja* de Sevilha, os *panneaux* lateraes do illustre Ramalho e a estatua da Medicina, por Costa Motta, para lhe dar um ar sumptuoso e rico. Em volta vêem-se logares reservados para os medalhões d'alguns dos lentes ultimamente fallecidos, — Theotonio, Alvarenga, Arantes Pedroso, Magalhães Coutinho, Serrano, Barbosa, Cunha Vianna,—cujos nomes são erguidos em fitas d'ouro por figurinhas nuas de creanças. Consta que a escolha d'estes nomes fez cabellos brancos ao conselho escolar, sempre meticuloso e avaro nas consagrações que promove. Parece tambem que o mesmo conselho não gostou de vêr, n'um dos bellos *panneaux* de Ramalho representando uma operação de laparotomia, as veras-effigies dos doutores Cabeça e Monjardino, e que indicou delicadamente ao pintor a conveniencia de as desfigurar. Os dois operadores — os do *panneau*, entenda-se — passarão a ser, por conseguinte, dois illustres desconhecidos. Ahi fica a nota, como subsidio pittoresco para a historia anecdotica do novo palacio.

Segue-se a *Sala dos Passos Perdidos*, tecto de Vaz, delicado, luminoso, silhares altos de azulejo de Jorge Colaço, representando Ambroise Paré, o patriarcha da cirurgia franceza, em pleno campo de batalha, Santa Izabel entre os leprosos d'uma gafaria do seculo XIV, a rainha D. Amelia no dispensario dos tuberculosos d'Alcantara, o ingenuo e commovedor João Semana sobre o seu burrinho, e entre as janellas, n'um tropel barbaro, a Sciencia sacudindo as superstições lendarias da Humanidade. É esta sala que dá ingresso á grande sala nobre do edificio, — a dos *Actos Grandes*, cujos frisos são a obra prima do illustre pintor Velloso Salgado. Ao entrar n'esta sala, tira-se instinctiva e respeitosamente o chapéu. Faz honra aos artistas que a executaram, e é uma pagina a marcar a ouro na

Outro trecho lateral do «panneau» de Esculapio

SALA DOS ACTOS GRANDES

historia da pintura decorativa em Portugal. O tecto deve-se egualmente a João Vaz: quatro lindas cariátides, apoiando-se nos quatro escudos dos cantos, sustentam as molduras das claraboias circulares. Leveza, graça, equilibrio, verdadeiro instincto de decorador. Ao fundo, sobre o estrado capitular, n'uma especie de retabulo que resguarda em charóla a janella nobre do edificio, o retrato d'El-Rei, bello oleo de Malhôa, sobre o fundo vago da escadaria do palacio Foz. A luz é má, a architectura em volta não é feliz; entretanto o retrato impõe-se, solido, humano, vivo.

Retrato de El-rei D. Carlos

Mas a suprema obra d'esta sala, a obra-prima de toda a nova Escola, são os *panneaux* dos frisos, onde Velloso Salgado, n'um rasgo heroico de pincel, erguendo figuras e desdobrando civilisações, fixou em syntheses luminosas a historia da medicina atravez os tempos. Ao lado esquerdo, no *panneau* central, rodeando a figura de Hippocrates, humana e grave, toda a escola do patriarcha de Cós, na tranquillidade hellena d'um ar tremulo e doirado; torsos e braços nús, pannejamentos hirtos de tunicas, faces extaticas de velhos medicos-philosophos, Themison de Laodicéa, o caduco Aécio d'Armida, Alexandre de Trales, Zenon de Chypre; o celebre Galeno, medico de Marco Aurelio e de Septimo Sevéro; togas pretextas de rigidos archiatras romanos; os cirurgiões Herophilo e Erasistrato, «*latrocinantis medici*,» junto a um cadaver de escravo, — e a perder-se, a subtil escola d'Alexandria, decorativa, solemne, que levou annos a discutir a razão por que as mãos humanas tinham cinco e não seis dedos. Mais adiante, os bysantinos, com Oribaso, o medico de Julião Apostata; mais além ainda, n'outro *panneau*, os arabes, — Avicena e o *Canon Medecinæ*, Averroes e *Kitab-el-Kulhyat* (livro de Tudo), Albucassis e as escolas de Cordova e de Granada. Depois, seguindo ao lado direito, a Edade moderna, — Guy de Chauliac, o anatomista, medico dos papas d'Avinhão; Ambroise Paré, o cirurgião, amputando, em plena batalha; Harvey, o medico de Jacques I, descobridor da circulação do sangue; Fallopio, Vesalio, os mestres de Ferrara e de Pisa, — e ao centro, dominando, fronteira á figura lendaria de Hippocrates, tão grande ou maior do que ella, a figura divina de Pasteur, rodeado dos seus discipulos Kock e Roux, do seu successor Metchnikoff, bella cabeça d'apostolo, e de todos os mestres da sciencia moderna, Trousseau e a clinica, Claude Bernard e a physiologia, Virchow e a anatomia pathologica, Laennec e a auscultação, Ienner e a vaccina, Raspail, Dupuytren e a cirurgia, Charcot e a escola da *Salpêtrière*, — toda a pleiade brilhante dos iniciadores, dos agitadores, dos creadores modernos, n'uma larga composição cheia de côr, de nobreza, de força, de movimento. Ao chegar ao ultimo *panneau* da direita, são já os nossos mestres que surgem, vivos ainda hontem, — Sousa Martins, Manuel Bento, Cama-

Pasteur

ra Pestana, e ao fundo os velhos, os primitivos, Santucci, Guevara, Garcia da Orta. A impressão de conjuncto de todo o friso é magnifica de harmonia e de riqueza, de equilibrio e de sumptuosidade. Quando se attinge o severo e bronzeo Esculapio que domina a porta, os olhos vão cançados de deter-se na belleza de cada figura, na expressão de cada mascara, na intenção de cada attitude. É já fatigado que se entra no gabinete real, onde Malhôa tem um delicioso tecto, uma allegoria cheia de côr e de brilho, e em cujo

Esculapio

Hippocrates

Pytagoras

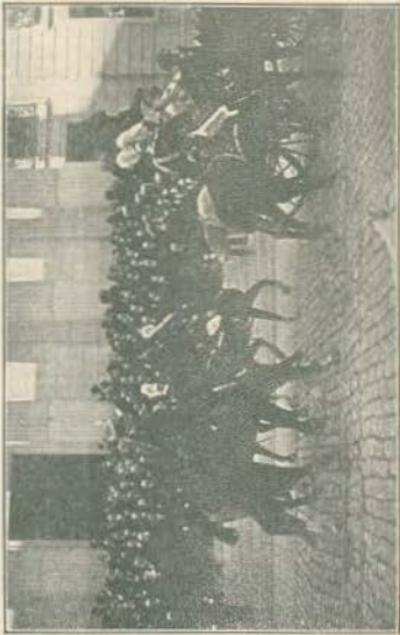
alto friso se vêem estylisadas as cruzes das quatro Ordens portuguezas. Mas Salgado prejudica e varre tudo quanto tem em volta: depois de se ter visto os *panneaux* da Sala dos Actos,—nada mais se vê.

Estão ali na obra até agora realisada, desde os fundamentos, mil contos de réis redondos,—apesar da modicidade dos preços da obra de decoração e de se ter aproveitado silharia e pedra trabalhada do velho hospital do Desterro e do palacio Sousa Holstein, ao Calhariz. Depois de feitas as installações technicas, segundo as complexas exigencias d'uma escola moderna, as despezas ascenderão a mil e quinhentos contos, pelo menos. Se não se tivessem gasto improductiva-

mente quatrocentos contos em férias a operarios, durante dois annos em que se não trabalhou por não haver dinheiro para comprar material, — a nova Escola Medica não teria ficado excessivamente cara ao Estado. O que é certo é que, apesar de tudo, vale o que se gastou com ella. O XV congresso de medicina, com o seu capitulo internacional de sabios, pode installar-se e pontificar ali, sem vexame para o paiz que o recebe.

Averroes

Avicena

Descemos então a larga escada de serviço. Estava feita a nossa visita. Já cá fóra, no pequeno claustro alegre onde o sol entra a jorros, acudiu-nos então ao espirito a reflexão severa e pessimista de certo lente da Escola, reflexão sem duvida injusta mas nem por isso menos pittoresca, feita ao comparar o velho pardieiro com o novo palacio:

—«Pouca sorte! D'antes tinhamos lentes e não tinhamos escola; agora temos escola... mas não temos lentes!»

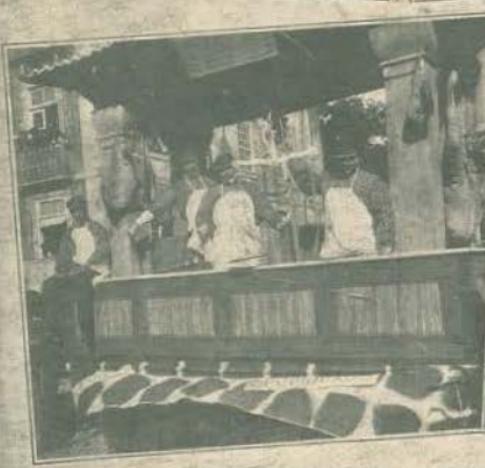
(Clichés do sr. Benoliel)

SS. MM. os Reis de Portugal e Hespanha

S. M. a Rainha D. Amelia diante do Congresso

O cortejo real na rua d'Atocha

A passagem do cortejo diante do Congresso

(Clichés de Tomeer)

A VISITA DE SS. MM. OS REIS DE PORTUGAL A MADRID

Carnaval no Porto: CARROS, GRUPOS E ASPECTOS

Clichês dos Estereoscopio Portuguez
gentilmente cedidos pelo seu proprietario o sr. Aurelio da Paz dos Reis.

1 - Carro dos dois gallos (as vinicolas) = 2 - Carro do peccado = 3 1.º premio de janellas (Bazar americano)
4 - Os elephantes = 5 - O carro da carne = 6 - Grupo dos 29 (corbeille)